

Negócios

FINANÇAS

15 SET 1992

O temor de novo choque

■ Empresas e bancos procuram ativos dolarizados para se precaver contra mudanças

Nilton Horita

SÃO PAULO — Empresas e bancos voltaram a se preocupar com a possibilidade de nova intervenção na economia e passaram a procurar maior cobertura em ativos dolarizados. O temor de que haja outra ação por parte do governo no campo da liquidez financeira provoca nervosismo e o início da migração de recursos que estavam totalmente ancorados nas taxas de juros para outras formas de aplicação. "Em momentos como esse, de total indefinição em relação ao futuro, a não ser a certeza de que haverá mudanças na estratégia de política econômica, o melhor é distribuir os recursos entre as diferentes

Renan Cepeda — 7/7/92



Pastore aconselha cautela

formas de aplicação e ficar quietinho", aconselha o economista Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central.

"Mas é natural que a medida que cresce o risco político, as pessoas dolarizem parte da sua carteira e reduzam seu perfil de títulos públicos", acrescenta. Ontem, por exemplo, os bancos que estavam vendidos em dólar comercial e flutuante (ou seja, confiando mais nas taxas de juros) decidiram zerar suas posições, recomprando posições em moeda forte, o que acabou pressionando os preços. "O ágio chegou a 12,5% porque ninguém quer ficar vendido", explica Nathan Blanche, presidente da Associação Nacional do Ouro (Anoro).

"O pessoal, afinal, está muito nervoso, pois persistem os boatos de um novo falso milagre econômico." Outro efeito dessa maior procura por ativos dolarizados se encontra no preço dos export-notes, papéis que acompanham a cotação do câmbio.

"Até a semana passada, o juro pago pelo export-note estava em 15%, e hoje não passa de 10% ao ano", lembra Nathan Blanche. "Realmente o pessoal começa a diversificar um pouco o seu portfólio." Mesmo diversificando, empresas e bancos ainda estão indecisos sobre qual a melhor forma de proteger o dinheiro nesse momento de indefinição. "É que em meses passados algumas empresas optaram por dirigir seus recursos para o dólar e acabaram perdendo dinheiro", conta José Baia Sobrinho, presidente do Banco Pontual. "E aí a indecisão aumenta, pois o Banco Central continua atento."

Empresas com compromissos a pagar em dólar também formam outro grupo que procura se proteger contra o risco das cotações do câmbio. Esse movimento em direção ao dólar, mesmo que em pequenos volumes, acaba provocando a alta dos preços, também pela falta de maior oferta no mercado de dólares. Não é também tão grande porque os CDBs continuam oferecendo ótimo rendimento. No mês passado, por exemplo, venceram Cr\$ 23,8 trilhões em CDBs, com renovação de Cr\$ 32,272 trilhões. Com a "quase certeza", a partir dessa semana, de que o desfecho da crise política deve resultar na troca da equipe econômica, empresas e bancos estão começando processo de diversificação dos investimentos.

O grande temor se refere à possibilidade de o Brasil copiar o modelo do Plano Cavallo, que, entre outras coisas, congelou os ativos financeiros por 10 anos. "A Argentina já vive em estado de inflação", criticou, porém, Pastore. "Se fizerem isso no Brasil não será um Plano Cavallo, mas um Plano Pangaré. Na minha opinião, portanto, o Brasil deverá adotar um Plano Cavallo misturado com um Plano Cruzado, algo como um Cruzallo. Enquanto isso, o melhor é deixar um pouco em cada cesta e ficar congelado."

Arquivo



Lora: mais independência

Gilberto Alves — 31/3/89



Mailson: não especulem

José Varela — 29/4/87



Nakano: sem solução mágica